

## DESENVOLVIMENTO LOCAL E FOLKCOMUNICAÇÃO EM CONTEXTO DE CRISE SANITÁRIA GLOBAL<sup>406</sup>

Josilene da Silva Félix<sup>407</sup>

Andréa Karinne Albuquerque dos Santos<sup>408</sup>

Caroline Delevati Colpo<sup>409</sup>

Júnia Mara Dias Martins<sup>410</sup>

**RESUMO:** A pandemia do novo coronavírus provoca impactos em nível mundial, mas afeta cada localidade de forma distinta. O enfrentamento da pandemia pressupõe conscientização ampla e efetiva, investimento em políticas públicas e na ciência, mas também a capacidade de reinvenção para sobrevivência em meio à crise política, social e sanitária. Nesse cenário, analisamos a importância das estratégias para o Desenvolvimento Local sob o viés da Folkcomunicação, recorrendo a autores como Luiz Beltrão, Marques de Melo, Adriane Ferrarini e Juarez de Paula. Estudos recentes sobre o PIB, a pobreza, a fome e o comércio no Brasil, durante o período da pandemia, também servem como base. Trata-se de pesquisa com abordagem qualitativa e objetivo exploratório, que tenta estabelecer noções sobre a importância do Desenvolvimento Local como estratégia em tempos de crise.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Local; Pandemia; Covid-19; Coronavírus; Folkcomunicação.

### 1 Introdução

A globalização tem sido uma palavra comum em muitos estudos e, nas Ciências da Comunicação, a popularização do termo é bem presente nas discussões sobre técnicas e tecnologias, sobre produção, consumo, impactos e compartilhamentos de conteúdos ao redor do mundo. Desde o advento da Internet, especialmente, as notícias, informações, produtos e manifestações culturais ganharam um caráter glocal, fazendo da desterritorialidade e da atemporalidade elementos cotidianos. Há pouco menos de dois anos, porém, um outro advento trouxe a percepção do encurtamento das distâncias através de uma circunstância bem peculiar: o surto do novo coronavírus, que provocou uma pandemia global. Embora o mesmo vírus tenha

<sup>406</sup> Trabalho apresentado no GT 4: Folkcomunicação e Desenvolvimento Local da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

<sup>407</sup> Mestranda em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC-UFPA) e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Afeto, Cultura, Trabalho e Organizações (CACTO-UFPA). E-mail: rpjosi411@gmail.com.

<sup>408</sup> Professora da Graduação em Relações Públicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPA). Doutoranda em Ciência da Informação (UFPA), Mestra em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC-UFPA), Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Afeto, Cultura Trabalho e Organização (CACTO-UFPA) e Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Diversidade Cultural (GRUJORDI-UFPA). E-mail: andreakarinne@gmail.com.

<sup>409</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC-UFPA) e da Graduação em Relações Públicas (UFPA). Doutora em Comunicação Social (PUC-RS), Mestra em Desenvolvimento Regional (UNISC-RS) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação, Afeto, Cultura, Trabalho e Organizações (CACTO-UFPA). E-mail: carolinecolpo@gmail.com.

<sup>410</sup> Professora da Graduação em Rádio, Tv e Internet (UERN). Doutoranda em Estudos da Mídia (PPGEM-UFRN), Mestra em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC-UFPA), Orientadora Acadêmica do curso de RTVI-UERN, Secretária da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. E-mail: juniamartins@uern.br.

atingido todo o mundo, cada local reage de forma distinta ao enfrentamento da doença. No Brasil, é possível afirmar que o enfrentamento à pandemia é tímido e suas consequências têm aprofundado as desigualdades sociais.

No contexto pandêmico, muitos comércios e profissionais tiveram que se reinventar, buscando novas alternativas de trabalho em meio ao isolamento social. Aqui no país, a crise sanitária fez aumentar o trabalho remoto, os serviços de *delivery* e outros ligados às plataformas digitais, mas também o desemprego. Há uma parcela de brasileiros que, pela falta de instrução, habilidade ou mesmo acesso às novas tecnologias e suas plataformas, sequer pôde estabelecer estratégias para criar novas formas de trabalho ou dar continuidade a atividades que lhe traziam subsistência. Muitas lojas também fecharam, provocando a perda de empregos – mais de 135 mil lojas e mais de 500 mil desempregados só no segundo semestre de 2020<sup>411</sup>.

Todo esse contexto direciona para os socialmente marginalizados, que ficaram à mercê do auxílio emergencial proveniente do governo federal, por exemplo. No campo da cultura, a Lei Aldir Blanc foi fundamental, dando refôlego aos profissionais da cultura ao financiar práticas artísticas e projetos culturais, tão necessários à saúde mental no período de isolamento. Por outro lado, focando em grandes departamentos, ações como as da Loja Magazine Luiza permitiram que muitas pessoas trabalhassem a partir da própria casa, criando uma loja virtual associada à Magazine e tornando-se parceiro dessa. O programa foi a saída para muitos trabalhadores informais e autônomos que, a partir do seu local, passaram a vender na Internet e ganhar comissões por meio do projeto Parceiro Magalu.

Estratégias para estimular o Desenvolvimento Local são importantes para a garantia dos direitos básicos do cidadão e, em períodos de crise, elas se tornam essenciais. Nesse sentido, este trabalho aborda a conjuntura pandêmica, trazendo principais conceitos relacionados, além de um cenário descritivo de certos aspectos que agravam a situação brasileira. O estudo está dividido em três partes. A primeira aborda mais diretamente a pandemia e seus impactos no Brasil, apresentando dados numéricos que comprovam a crise. Pesquisas feitas pelo IBGE (2020) e pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (2021) foram fundamentais para essa explanação. No capítulo seguinte, são explorados o conceito de Desenvolvimento Local e dos capitais inerentes, a partir de Juarez de Paula (2008), especialmente. No terceiro capítulo, por sua vez, é feito o vínculo mais direto entre a Folkcomunicação e o Desenvolvimento Local, abordando estratégias possíveis. Em todo o trabalho, a pesquisa bibliográfica recorreu também a matérias jornalísticas e boletins

---

<sup>411</sup> Varejo perde 135 mil lojas no 2º trimestre de 2020. **Diário do Comércio**. São Paulo, 25 agosto 2020. Disponível em: <http://encurtador.com.br/ICJU9>. Acesso em: 31 maio 2021.

informativos sobre a Covid-19. Por se tratar de um tema recente, espera-se que o estudo seja estimulante para aprofundamentos e outras problematizações futuras.

## 2 A crise sanitária global e suas implicações no cenário local

A pandemia da Covid-19, causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), tem se apresentado como um dos maiores desafios sanitários do mundo. A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a Covid-19 como pandemia em 11 de março de 2020 e instituiu medidas preventivas essenciais para diminuição do contágio. Além do isolamento social, as medidas incluem o uso de máscara e a higienização das mãos com água e sabão ou com álcool em gel. Vacinas foram criadas e têm sido aplicadas, mas boa parte da população mundial ainda não teve acesso a elas – pela falta de oportunidade ou por optar pela não vacinação, situação essa estimulada muitas vezes por *fake news* e/ou criminalização do conhecimento científico com indução ao negacionismo. Nesta conjuntura, o vírus tem sofrido mutações e se fortalecido, desafiando a compreensão da ciência.

O Brasil, até o dia 31 de maio de 2021, possuía mais de 16,5 milhões de casos confirmados e quase 463 mil mortes decorrentes do novo coronavírus. Os últimos três meses (março a maio de 2021) foram os mais fatais, representando, juntos, cerca de 45% dos óbitos provocados pela Covid-19, sem considerar as subnotificações<sup>412</sup>. Em março, inclusive, o país liderou o número de mortes diárias pela doença no mundo, seguido pelos Estados Unidos, que ficou em segundo no ranking mundial<sup>413</sup>.

O conhecimento científico desenvolvido até então comprova a eficácia do isolamento social na diminuição dos contágios do Sars-Cov-2, porém, o Brasil não tem conseguido manter ou controlar o isolamento de forma eficaz, tampouco outras medidas preventivas como a higienização adequada. Isso ocorre principalmente devido à grande desigualdade social no país, muitos vivem em condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso sistemático à água e em situação de aglomeração. A pandemia agravou ainda o desemprego, a pobreza e a fome<sup>414</sup>.

O baixo isolamento é também potencializado pela ineficiência do governo brasileiro na atuação contra a pandemia. Duarte e César acreditam que as ações do governo federal no

---

<sup>412</sup> Brasil se aproxima de 463 mil mortos por Covid; média móvel é de 1.849 por dia. **G1**, 31 maio 2021. Disponível em: <http://encurtador.com.br/blw19>. Acesso em: 31 maio 2021.

<sup>413</sup> Brasil lidera número de mortes diárias por Covid-19 no mundo em março. **CNN**, 30 março 2021. Disponível em: <http://encurtador.com.br/xLOPR>. Acesso em: 31 maio 2021.

<sup>414</sup> BENITES, Afonso. Não é doença, é fome. **El País**, 24 maio 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-24/nao-e-doenca-e-fome.html>. Acesso em: 31 maio 2021.

contexto pandêmico reforçam o conservadorismo e deslegitimam políticas relacionadas a minorias sociais que estavam em consolidação nos governos anteriores:

O que é novo no cenário político brasileiro recente é não apenas que a negação da política e o próprio negacionismo tenham se transformado em políticas determinadas, mas também que elas tenham se articulado e se intensificado até o ponto de se converterem em traços distintivos do governo Bolsonaro durante a pandemia do novo Coronavírus. Esta associação de estratégias políticas heterodoxas durante a pandemia também ofereceu a Bolsonaro a oportunidade de generalizar e fortalecer o conservadorismo mais focado que vinha orientando sua fabricação de inimigos internos, no contexto da deslegitimação das políticas pregressas de reconhecimento de direitos a populações historicamente marginalizadas, como pobres, negras, mulheres, LGBTI+, indígenas, populações tradicionais etc. (DUARTE; CÉSAR, 2021, p. 15)

Dessa forma, a epidemia do novo coronavírus encontrou no cenário político brasileiro e na população em situação de extrema vulnerabilidade, submetida a altas taxas de desemprego e cortes profundos nas políticas sociais, um espaço propício para sua disseminação, potencializada ainda pela maior recessão econômica enfrentada pelo país nos últimos 40 anos<sup>415</sup>. Essa recessão foi percebida principalmente no setor de serviços, que possui o maior peso no PIB brasileiro, sendo pressionada pela interrupção ou redução de atividades como comércio, transportes e, especialmente, por outros serviços que estão na categoria que engloba alojamento, alimentação, serviços domésticos e atividades artísticas.

No setor industrial, o impacto da recessão também foi sentido. A indústria de transformação teve queda de 17,5%, enquanto a extrativa diminuiu 1,1% e a construção civil teve retração de 5,7%<sup>416</sup>. Essa recessão gerou um aumento, no início de 2021, de 20% de desempregados, chegando a 14,3 milhões de pessoas sem trabalho, um número recorde na história. A taxa de informalidade também subiu significativamente chegando a 39,7% dos brasileiros, cerca de 34,1 milhões de trabalhos informais (IBGE, 2020).

Nesse cenário, a crise econômica decorrente do coronavírus no Brasil tem destruído vários postos de trabalho no país. Simone Costa (2020) assevera que a situação requer a adoção de políticas públicas de emprego e transferência de renda para proteger os trabalhadores que vivem na informalidade. Em longo prazo, porém, o país precisa de uma política de desenvolvimento que implique o abandono da austeridade fiscal e o aumento dos investimentos em programas sociais, a fim de proteger milhões de trabalhadores que vivem na informalidade e residem em comunidades ou assentamentos precários, sem falar na população de rua.

<sup>415</sup> SILVEIRA, Daniel et al. Brasil de novo em recessão. **G1**, 01 setembro 2020. Disponível em: <http://encurtador.com.br/tvwHP>. Acesso em: 31 maio 2021.

<sup>416</sup> Id.

Enquanto consequência da recessão econômica e dos altos níveis de desemprego, o país enfrenta ainda índices alarmantes de fome. Uma pesquisa realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), depois de um ano de pandemia, constatou que mais da metade dos domicílios brasileiros – 55,2% ou 116,2 milhões de pessoas – vivem algum grau de insegurança alimentar. Já a insegurança alimentar grave foi encontrada em 9% dos domicílios entrevistados, o que corresponde a algo em torno de 19 milhões de pessoas. Os maiores índices de fome foram encontrados nas regiões Norte (18,1%) e Nordeste (13,8%). Segundo dados da mesma pesquisa, a fome se fez mais presente em famílias com menor renda per capita, abaixo de um salário mínimo (R\$1.100), tendo forte relação com a questão de cor e gênero<sup>417</sup>.

Dessa forma, são as medidas econômicas e políticas demandadas para o enfrentamento da pandemia que podem minimizar seus efeitos. Cabe ressaltar, todavia, que a pandemia da Covid-19 não é a única responsável pelo desemprego, fome e miséria que levam à morte os indivíduos mais pobres. O responsável, também é o próprio *modus operandi* do capitalismo, na efetivação diária do seu caráter destrutivo, sobretudo por possibilitar o acúmulo de riqueza nas mãos de poucos e a pauperização daqueles que produzem tal riqueza (SOUZA, 2020).

A pandemia, então, se constitui enquanto mais um elemento soerguido das bases objetivas do capital mundializado e que adentra nessa espiral contraditória, estabelecendo uma relação de determinação recíproca para com as mesmas, mas estando longe de ser a raiz dos problemas sociais (SOUZA, 2020, p.7)

Sabe-se, entretanto, que a condição política e governamental do Brasil não tem realizado esforços para amenizar esse cenário de recessão econômica, crise sanitária, desemprego e fome, causada pela pandemia, da mesma forma que não se detém em compreender as diferentes questões regionais do Brasil, uma vez que é o reconhecimento dos contextos regionais e locais, das diferenças políticas, econômicas, sociais e culturais que poderá gerar respostas diferenciadas ao enfrentamento da pandemia no Brasil e novas possibilidades de Desenvolvimento Local.

### 3 POR UM OUTRO CAPITAL: desenvolvimento local e possibilidades

O termo Desenvolvimento Local é amplamente discutido nas esferas acadêmica, governamental e no Terceiro Setor, seja como um conceito ou metodologia. Trata-se de um

---

<sup>417</sup> REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (REDE PENSSAN). **Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil**. Projeto Vigisan, 2021. Disponível em: [http://olheparaafome.com.br/VIGISAN\\_Inseguranca\\_alimentar.pdf](http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf). Acesso em: 31 maio 2021.



redefolkcom



processo endógeno que busca dinamizar as vocações de determinada localidade, visando promover o desenvolvimento social, humano e sustentável aliado ao crescimento econômico. O modelo atual de desenvolvimento econômico globalizado, alicerçado num produtivismo ilimitado, favoreceu a acumulação de capital desconsiderando as necessidades das várias formas de vida humana e da natureza, resultando numa crise moral, social e cultural, com o aumento da desigualdade e da pobreza, bem como, do uso desordenado dos recursos naturais. É uma questão social que exige soluções coletivas e integradas, pautadas na relação intrínseca entre o humano e a natureza. (FERRARINI, 2012)

Diante disso, considera-se que o crescimento econômico e o acesso ao consumo são importantes – porém, não o bastante quando os direitos da maior parte da população não têm sido atendidos e a cidadania tem sido tutelada (FERRARINI, 2012). O conceito de Desenvolvimento Local vem, portanto, contrapor essa realidade, a partir de “um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e a melhor qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos.” (BUARQUE, 2002, p. 25)

Nesse sentido, é importante entender o termo *local* como algo que não se restringe ao tamanho, o sentido é de um espaço que é “o alvo socioterritorial de uma ação sistêmica com base na identidade” (FRANCO, 1998); logo, pode se referir a uma cidade, bairro, comunidade ou região de municípios; depende do objetivo proposto pela ação de Desenvolvimento Local, a qual normalmente realça a importância da identidade e da relação de pertencimento que une os atores locais. O conceito adotado neste artigo, portanto, corrobora a ideia de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS), constituído como:

[...] um novo modo de promover o desenvolvimento, que possibilita o surgimento de comunidades mais sustentáveis, capazes de suprir suas necessidades imediatas, descobrir ou despertar suas vocações locais e desenvolver suas potencialidades específicas, além de fomentar o intercâmbio externo, aproveitando-se de suas vantagens locais. (FRANCO, 1998, p. 7)

Nesse sentido, é pertinente pensar que, sendo o Desenvolvimento Local um processo endógeno, os atores locais são os protagonistas dos rumos que se esperam para a localidade. Com o amadurecimento da relação de confiança mútua entre os atores, fundamentada na representatividade de todos os segmentos da localidade, fortalece-se o sentimento de pertença que guia possíveis parcerias externas; sobretudo com a perspectiva de colaboração, participação e autogestão, protegendo-se de iniciativas externas predatórias do capitalismo globalizado. “Desglobalizar o local permite o globalismo localizado, ou seja, a integração ou globalização

de conhecimentos, tecnologias ou metodologias criadas em âmbito local.” (FERRARINI, 2012, p. 236). Sobre essa questão, Marques de Melo (2011, p.35) considera que:

[...] Paradoxalmente, o suporte principal dessa sociedade que se pretende mundializada vem favorecendo os povos e as comunidades que não se renderam ao mimetismo, que resistiram à padronização simbólica. Esse cavalo de troia engendrado pela magia da eletrônica e refinado pelas malhas da carpintaria digital se chama internet. Nas suas entranhas, vem germinando uma nova realidade. Nela, desponta uma sociedade glocalizada, evidenciando que global e local podem coexistir dinamicamente.

Juarez de Paula (2008) defende que os resultados do DLIS são alcançados em longo prazo, e que dependem do aumento e da harmonização entre quatro capitais que se relacionam com o desenvolvimento. O primeiro deles é o capital humano, que se refere ao desenvolvimento das habilidades, conhecimentos e atitudes (competências) das pessoas, ou seja, é alcançado a partir de um processo educacional. Inclui também a qualidade de vida das pessoas, por meio de políticas públicas que assegurem o acesso à saúde, à alimentação, à habitação, ao saneamento, a um transporte público de qualidade, segurança, entre outros. O investimento no capital humano resultará na produção de bens intelectuais, tecnologias e conhecimento aplicado para solucionar os desafios enfrentados na localidade (PAULA, 2008). Considerando os dados da fome no Brasil, gerados em 2021, com 116,2 milhões de pessoas com insegurança alimentar e 19 milhões de pessoas vivendo em insegurança alimentar grave, principalmente nas regiões Norte (18,1%) e Nordeste (13,8%), percebe-se o baixo investimento em capital humano e políticas públicas para assegurar acesso a alimentação.

O segundo capital elencado é o social, compreendido a partir da rede de conexões entre os atores locais, construída por meio da confiança mútua e da cooperação, o que favorece a organização, capacidade de participação e empoderamento. Trata-se de uma rede de solidariedade que possibilita o alcance dos objetivos pretendidos pela localidade, por fortalecer o sentido de pertencimento ao território. O desenvolvimento do capital social promove a inovação na gestão pública por parte dos atores sociais, que passam a ter força e voz junto aos poderes públicos no que tange os interesses da localidade. Um fator importante para um capital social consistente é o nível de empregabilidade nas regiões, pois trabalhadores em coletividade têm mais capacidade de criar redes de solidariedade para o Desenvolvimento Local. Com índices recordes de desemprego no país e com aumento significativo do trabalho informal, tem-se aí um fator negativo que impacta o capital social.

O capital empresarial, por sua vez, se refere ao crescimento dos níveis de iniciativa, protagonismo e capacidade de fazer acontecer, ou seja, de ações proativas e cultura

empreendedora. Esse aspecto segue regras diferentes do modelo capitalista atual, se caracteriza por meio de ações como cooperativas e associações objetivando promover a geração de emprego e renda para a localidade, favorecendo a redução da pobreza e desigualdade social, divergindo dos ideais da economia de mercado que “[...] baseia-se no pressuposto de que o mercado auto-regula-se para o bem de todos, e que a concorrência é o melhor modo de relação entre os actores sociais.” (SILVA; SILVA, 2008, p.1) [sic]

Nesse sentido, a implementação do capital empresarial visa, em última instância, promover a qualidade de vida de todos os atores que fazem parte da localidade; especialmente por meio da exploração econômica das vantagens comparativas da localidade, de maneira que possa ter sustentabilidade a partir da diversificação da economia local. Contudo, durante a pandemia e com a recessão econômica vivenciada no Brasil, percebeu-se certa redução dos setores de serviços como alojamento, alimentação, serviços domésticos e atividades artísticas que tinham foco no Desenvolvimento Local. Muitos desses serviços de capital empresarial local foram pressionados a interromper ou reduzir suas atividades, situação que suscita a atenção governamental para o direcionamento de políticas públicas eficientes capazes de incentivar novas iniciativas empreendedoras.

Juarez de Paula define, por fim, o capital natural, o qual tem como pressuposto a sustentabilidade. A ideia é pensar como satisfazer as necessidades de hoje sem prejudicar a possibilidade de satisfazê-las no futuro. Essa sustentabilidade também se refere à capacidade de produzir emprego e renda de uma forma perene, por meio, por exemplo, da diversificação da economia. O capital natural dialoga com o consumo consciente, sobretudo em relação ao uso dos recursos da localidade; ao mesmo tempo, exige grandes mudanças nos padrões de produção e consumo, o que depende também do aumento dos níveis do capital humano e social.

É inegável que a manutenção do padrão atual de produção e consumo é insustentável, e cabe dizer que muitas iniciativas começam a caminhar em direção contrária a esse padrão. Acredita-se que fomentar o capital natural em momentos de crise sanitária e humanitária viabiliza a amenização dos efeitos destrutivos da pandemia no capitalismo. Entretanto, o que se percebe nesse momento é o aumento enorme das diferenças sociais e da segregação, com o acúmulo de riqueza nas mãos de poucos e a pauperização daqueles que produzem tal riqueza. A pandemia se tornou mais um elemento da geopolítica financeira mundial e, em embora não seja a principal raiz dos problemas sociais do Brasil e do mundo, tem se constituído como potencializadora de diferenças sociais.

Nesse contexto, o caminho para o Desenvolvimento Local passa pelo aumento dos níveis dos quatro capitais, que precisam atuar de forma interdependente, o que exige iniciativas de protagonismo,

de engajamento social e político, fundamentadas na relação de confiança mútua entre os atores locais e sentimento de pertencimento à localidade. Esse sentimento pode ocorrer por processos de comunicação e manifestações culturais, o que alimenta o cerne da Folkcomunicação.

#### 4 Estratégias folkcomunicacionais para o desenvolvimento local

Alguns estudiosos fomentam discussões sobre o quanto o campo da comunicação é atravessado pelas manifestações culturais. Nessa perspectiva, o jornalista e pesquisador pernambucano Luiz Beltrão perscrutou como a cultura e a comunicação se cruzam e se hibridam; lançando as bases para a teoria da Folkcomunicação. Assim ele relatou:

Em 1959, logo que relatei os meus estudos sobre a comunicação jornalística, efetuados à base das suas manifestações convencionais, dos seus veículos consagrados- os periódicos, o rádio, a televisão e o cinema- buscando isolar os seus atributos essenciais e apreciar as suas condições filosóficas, senti-me atraído por outros aspectos da difusão de informações e expressão da opinião pública, que escapavam à atividade social a que dedicara os meus esforços de indagação científica (BELTRÃO, 1971, p.11)

Beltrão fez um deslocamento de olhar direcionando seus estudos às criações culturais populares como expressões e comunicação de grupos e indivíduos; ele sentiu a necessidade de entender essa linguagem, a mentalidade do homem do povo e suas mensagens.

Esse respaldo, Beltrão encontra nos estudos sociológicos e antropológicos de Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Edison Carneiro e em folcloristas, como Câmara Cascudo. A intenção de Beltrão, porém, não está em promover ou valorizar o folclore nacional, mas em compreender as mensagens codificadas e democratizá-las, promovendo o diálogo sobre problemáticas sociais (AMPHILO, 2015, p. 199)

Em fins da década de 1960, Luiz Beltrão (1980) argumentava que em países como o Brasil, com elevado número de analfabetos, as manifestações espontâneas utilizadas pelos grupos marginalizados agregados à cultura popular e ao folclore tinham tanta importância quanto às difundidas pelo *mass media*, e que o folclore e as práticas culturais eram um dos grandes canais de comunicação coletiva. Décadas se passaram e o argumento permanece atual, o que fortalece o âmbito folkcomunicacional diante das possibilidades de estudar a comunicação a partir da cultura difundida por indivíduos e grupos socialmente marginalizados. Compreende-se que

Quase todas as comunidades, mesmo aquelas que ficam à margem do desenvolvimento econômico, urbano e tecnológico, encontram meios alternativos para divulgar informações e expressar sua arte, preenchendo as funções dos meios de comunicação tradicionais. Essas manifestações incluem, entre outras, cantorias, literatura de cordel, ex-votos e folguedos como o bumba-meu-boi e o mamulengo (RIO DE JANEIRO, 2007, p. 5).

Estudos desenvolvidos por Lazarsfeld auxiliaram a pesquisa beltraniana, endossando a importância dos líderes de opinião na folkcomunicação. Esses líderes atuam como comunicadores que fazem o elo entre a comunidade e o mundo, retransmitindo e decodificando as mensagens veiculadas pela indústria cultural; são pessoas fundamentais no processo de Desenvolvimento Local, com conceito posteriormente atualizado a partir da definição do perfil do ativista midiático (TRIGUEIRO, 2008).

Em tempos de crise social, o ativista midiático se destaca por sua capacidade de articulação na localidade e fora dela, na medida em que busca alternativas desde seu repertório cultural para mediar os interesses da localidade junto ao poder público, circunstância que fomenta o viés de fortalecimento e Desenvolvimento Local, conforme os tipos de capital apresentados neste trabalho. Interessa, então, discutir estratégias folkcomunicacionais como ações em resposta aos impactos da pandemia a partir de características locais.

Juarez de Paula afirma que “não existe desenvolvimento local sem o interesse, o envolvimento, o compromisso e a adesão da comunidade local. [...] Por isso, o primeiro passo na promoção do DLIS é a mobilização e sensibilização da população local.” (2008, p. 16) Sendo assim, para que os atores locais assumam o papel de protagonistas, o uso dos canais folkcomunicacionais, a exemplo da rádio comunitária e manifestações culturais como o teatro e a dança são importantes aliados para o aumento do capital social, que contribuirá para o fortalecimento das redes de solidariedade e confiança mútua, pautadas no sentimento de pertencimento ao território.

Entendendo que ao se pesquisar cenários locais, esses podem apresentar características similares a de outras realidades em sentido mais global, entende-se ser pertinente trazer à tona alguns exemplos para melhor ilustrar os situacionismos levantados nesta pesquisa. Um dos exemplos é o da Companhia de Teatro Despertarte, grupo que faz parte da cultura local na cidade de Pilar-PB. Em tempos pandêmicos, ela precisou reinventar a arte do teatro, levando o espetáculo, que geralmente é feito nos palcos, para o cenário digital, projeto permitido por meio da Lei Aldir Blanc. Nessa manifestação cultural, o capital social é fortalecido no reencontro entre atores pautado na solidariedade e no pertencimento, incentivando a participação e o empoderamento da comunidade; endossando o pensamento de quando diz que “não é possível existir desenvolvimento sem organização, participação e empoderamento das pessoas”. (PAULA, 2008, p.7)

Além do teatro, a literatura de cordel pode ser usada como estratégia para o desenvolvimento local. Nesse sentido, a enfermeira paraibana, Anne Karolynne Santos de Negreiros criou o Coronavírus em cordel, com o objetivo de promover a conscientização e prevenção em relação à doença. A profissional de saúde, que atua na linha de frente no combate à Covid-19, explica que seus versos “trazem a força do nordeste, reflexões sobre a vida e temas voltados para educação em saúde.”

(G1, 2020)<sup>418</sup>. Iniciativas como essa contribuem para o aumento do capital humano, por seu caráter pedagógico, bem como para a promoção da qualidade de vida dos atores locais, que passam a cuidar melhor da sua saúde nesse momento de crise sanitária.

O processo folkcomunicação também pode ser observado em práticas como o uso do carro de som utilizado para transmitir informações relacionadas à pandemia, orientando a população sobre a necessidade do isolamento social, o uso da máscara e do álcool em gel, bem como informar sobre o funcionamento do comércio ou o toque de recolher.

A Folkcomunicação incrementa o capital empresarial no contexto do desenvolvimento local. Os empreendimentos utilizam sistemas de som adaptados, a exemplo de bicicleta com caixa de som, que anuncia os produtos e serviços do bairro com um custo acessível e sustentável. Devido à escassez de recursos destinados à gestão da comunicação, as estratégias são baseadas nos valores identitários da cultura local. Além de anunciar produtos e serviços, muitas localidades dispõem também da venda *de porta em porta*, a exemplo dos *carros do ovo*, *da fruta*, *da pamonha*, *do picolé*, entre os outros, que veiculam gravações em áudio com qualidade muitas vezes precária, vendendo produtos normalmente com preços acessíveis, direto ao consumidor. Nesta perspectiva, Paula (2008) destaca a importância do protagonismo da comunidade para adaptar-se às mudanças, através da proatividade e da cultura empreendedora.

No contexto da pandemia, muitos estabelecimentos precisaram ser fechados para evitar a propagação do coronavírus, intensificando a crise financeira. Nos espaços em que os atores locais têm acesso a dispositivos móveis conectados à internet, bem como o domínio técnico para usar redes sociais digitais, torna-se possível a comercialização online dos seus produtos e serviços. Entre as iniciativas dessa natureza, tem-se a da associação de mulheres empreendedoras *Mãos que se Ajudam*, localizada no município de Lucena-PB. Com apoio de um projeto de extensão desenvolvido por professoras da Universidade Federal da Paraíba, essas mulheres passaram a anunciar a venda, por meio do Instagram, do seu principal produto, a *cocada na kenga*. Embalado de forma inovadora e sustentável, o doce é acondicionado na casca (quenga) do coco seco; o nome do produto fortalece a identidade da cultura paraibana.

Embora localidades tenham encontrado alternativas para reduzir os impactos sociais e econômicos da pandemia, a população brasileira permanece sofrendo os danos nefastos dessa conjuntura. Pressupõe-se que o Desenvolvimento Local aliado a estratégias folkcomunicacionais constitui um caminho promissor para redução das desigualdades sociais, notadamente em situações

---

<sup>418</sup> SUÊNIA, Anne. Enfermeira poetisa cria 'Cordell do Coronavírus' com dicas de prevenção, na PB. **Portal G1**. Disponível em: <http://encurtador.com.br/jtDS6>. Acesso em: 20 maio 2021.

de crise. Os resultados positivos dependerão das características da localidade e de seus níveis de capital humano, social, empresarial e natural.

## 5 Considerações finais

Apesar da crise sanitária, econômica, social e política causada pela pandemia de coronavírus, percebe-se que algumas estratégias de Desenvolvimento Local, atravessadas pela folkcomunicação, ajudaram a reduzir danos em alguns contextos e situações em que o envolvimento do capital humano, social, empresarial e natural foram ativados. Tais estratégias partem da capacidade de adaptação às dificuldades, tendo como matéria-prima a criatividade e a habilidade, mas essencialmente, a oportunidade de colocar em prática essa estratégia, contando, notadamente, com algum incentivo financeiro.

A ajuda financeira propiciada pelo governo federal durante a pandemia – quer seja o auxílio emergencial ou a aprovação da Lei Aldir Blanc – só foi conseguida após muita pressão da sociedade civil e de líderes políticos da oposição. Ainda assim, ao constatar o auxílio emergencial no Brasil, inicialmente (R\$600 mensais)<sup>419</sup>, pode-se perceber que o valor é insuficiente para a manutenção das necessidades básicas do indivíduo e também irrisório em relação a outros países, onde o auxílio pode ser até 15 vezes maior<sup>420</sup>. Além disso, os procedimentos para aquisição do auxílio geraram muitas dúvidas e, após a aquisição, boa parcela dos beneficiados teve o pagamento suspenso, enquanto outra parcela recebeu o auxílio sem a necessidade dele, de forma irregular<sup>421</sup>.

A informalidade laboral de muitos brasileiros, ao mesmo tempo em que constitui uma alternativa de fonte de renda, revela a instabilidade profissional, a inconsistência de uma renda fixa e, muitas vezes, a precariedade de trabalho em meio ao cenário pandêmico, no qual o cuidado coletivo é fundamental para a saída da crise. Sabe-se, ainda, que os efeitos dessa crise seguirão por muito tempo e as populações que vivem em condições precárias, à margem da empregabilidade, terão ainda mais dificuldade para retornar a uma vida minimamente estável e com segurança de sobrevivência.

O contexto político brasileiro precisa, portanto, ser profundamente modificado a fim da redução de tantas consequências danosas. É preciso superar o negacionismo e retomar práticas de políticas públicas capazes de fomentar o Desenvolvimento Local. Quando isso acontecer, a folkcomunicação continuará a ser estratégia importante para que esse desenvolvimento mude,

---

<sup>419</sup> Atualmente está sendo pago pelo governo em quatro parcelas, com valores de R\$ 150 a R\$ 375 cada.

<sup>420</sup> COLLAÇO, Matheus. Até R\$ 28 mil: auxílio durante a pandemia pode ser 15 vezes maior fora do Brasil. **Economia IG**. Disponível em: [encurtador.com.br/hiyV0](https://encurtador.com.br/hiyV0). Acesso em: 30 junho 2021.

<sup>421</sup> TOMAZELI, Idiana. TCU estima que pagamentos *irregulares* do auxílio emergencial somaram R\$ 54,6 bilhões em 2020. **Economia Estadão**. Disponível em: [encurtador.com.br/fguR7](https://encurtador.com.br/fguR7). Acesso em: 30 junho 2021.

positivamente, a realidade de muitas pessoas; especialmente daquelas que hoje estão vulnerabilizadas, literalmente sob risco de morte porque sequer podem escolher entre estar protegidas ou não.

## REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. v.1, 2011.

BUARQUE, Sergio C.. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**. v. 54, n. 4. Rio de Janeiro, 2020.

DUARTE, André de Macedo D.; CÉSAR, Maria Rita de A.. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. **Revista Educação e Realidade**. v. 45, n.4. Porto Alegre, 2021.

FERRARINI, Adriane Vieira. Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável: uma metodologia para políticas e programas de superação da pobreza. **Interações**, Campo Grande, v. 13, n. 2, p. 233-241, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://encurtador.com.br/boyD4>. Acesso em: 01 maio 2021.

FRANCO, Augusto de. Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável: dez consensos. **Revista Proposta**, Rio de Janeiro, FASE, n.78, p. 6-19, set./nov. 1998.

MARQUES DE MELO, José. **Cidadania glocal, identidade nordestina: ética da comunicação na era da internet**. Campina Grande: Latus, 2011.

OMS, Brasil. Disponível em: <https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt>. Acesso em: 10 abril 2021.

PAULA, Juarez de. **Desenvolvimento Local: como fazer?** Sebrae, 2008. Disponível em: <http://encurtador.com.br/ntKY3>. Acesso em: 10 abril 2021.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação: a mídia dos excluídos**. Rio de Janeiro: SECS, 2007.

SILVA, José Luís Alves da.; SILVA, Sandra Isabel Reis da. A economia solidária como base do desenvolvimento local. **E-cadernos CES** [Online], Fev. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1451>. Acesso em: 10 maio 2021.

SOUZA, Diego de Oliveira. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. **Revista Ciência e saúde coletiva**. v.25. Rio de Janeiro, 2020.

TRIGUEIRO, Osvaldo M.. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa-PB: Editora Universitária UFPB, 2008.